



pornô é a teoria e a heteronorma sua prática. Esta frase provocativa tem seu fundamento no alto poder disciplinador y produtor de desejo da indústria pornográfica. O próprio pornô dominante e majoritário, tanto visual como audiovisual, aquele que se encontra sem dificuldade alguma nas videolocadoras, bancas de revistas e nos sites de maior acesso na internet é o controle e programação do binômio prazer/desejo através da gestão política do assim chamado “circuito excitação-frustração” pela filosofa Beatriz Preciado. A atual fase do capitalismo super-

industrial¹ (as sociedades de controle deleuzianas), que denominamos heterocapitalismo global integrado ou heterocapitalismo cognitivo, se caracteriza pela produção e controle das subjetividades, um tipo de produção que, segundo os argumentos de Félix Guattari, não tem lugar unicamente na ordem de representação, mas também, e sobretudo, “*na modelagem dos comportamentos, da sensibilidade, da percepção, da memória, das relações sociais, das relações sexuais, dos fantasmas imaginários, etc.*” Neste marco, as configurações somático-políticas de gênero apresentam os corpos biopoliticamente assinalados no sexo masculino, como penetrador universal natural.

Na atual guerra em curso, o sexo constitui uma das chaves estratégicas na arte de governar, consideração que inscreve sua genealogia no cenário da Revolução Francesa, onde a reprodução

1 O termo super-industrial, entra em substituição ao original '*postindustrial*', uma vez que o atual momento de consolidação e massificação da atividade industrial não pode ser lido como pós. Segundo Roberto Nigro, nas últimas décadas, houve um esforço (intelectual) para tentar liquidar toda experiência revolucionária. Apressamo-nos em declarar o fim de toda ideologia, e, por vezes, o fim de toda forma possível de revolução: dizem-nos que finalmente entramos numa época (da qual provavelmente não saímos ainda) na qual tudo se tornou “pós”: pós-moderna, pós-industrial, pós-colonial. N.T.

sexual se entende como um dos maquinários da sociedade. Assim, o corpo social esteve organizando reprodutivamente, para produzir prole (o famoso exército de reserva sobre qual advertia o discípulo de David Ricardo) e que toda sexualidade não reprodutiva se transformava em objeto de controle, vigilância e normalização como tem explicado lucidamente Michael Foucault. Em tal sentido, o gênero como ideal regulatório de construção da corporalidade, o sexo e os dispositivos da sexualidade, passam a formar parte dos cálculos de poder, de modo que o discurso (os sistemas de signos) sobre a masculinidade e feminilidade e as técnicas de normalização das identidades sexuais se transformam em agentes de controle e modelagem das formas-de-vida que estes corpos se expressam. Por exemplo, feminino e masculino já não são uma lista de condutas sociais aplicadas incisivamente sobre um corpo dado, se trata de ficções políticas que encontram na suposta biosubjetividade individual seu suporte somático, seu lugar de encorporar, no sentido etimológico do termo. Se trata de

dispositivos, totais de masculinização e feminilização que conjugam o audiovisual, o hormonal, o literário, etc., como complementos “naturais” das supostas feminilidade/masculinidade de nascimento.

Parafraseando o grupo insurrecionalista Tiquun, frente a *“evidência da catástrofe, estão as que se indignam e as que tomam nota, as que denunciam e as que se organizam. Nós estamos do lado das que se organizam”* A capacidade e implicação didático-condutora da pornografia e das visualidades de gênero constitui, mais que uma sorte de destino final e cancelado em sua operação, mas sim, um potencial disruptivo suscetível de ser reapropriado e resignificado. Por que abolir sem mais uma arma que se provou tão efetiva? Em efeito, si a pornografia es, como sustenta Preciado, um dispositivo de subjetivação arquetônico midiático e de produção do privado e doméstico como espetáculo, é possível concebê-lo como *“uma representação da sexualidade que aspira a controlar a resposta sexual o observador”* muito mais que

representá-la

Em termos gerais, podemos reconhecer que a pornografia, que se impõe comercial ou popular, tem marcado uma estética autoritária que reproduz as normas policiais de gênero². Deste modo, se estabelece códigos muito precisos do que um corpo pode ou não pode fazer segundo sua bioassinalação política de sexo-gênero política. A pornografia aparece aqui como um gênero em seu sentido anfibiológico: como produção artística-somática, produz formas visíveis/vivíveis de genitalidade (penetração, felação, ejaculação masculina) e privilegia a produção de prazer para um olho heterossexual (straight eye). Com ele inventa e sofisticas estéticas e coreografias da sexualidade onde o corpo e sua genital se recorda de acordo com suas funções reprodutivas (e reprodutoras) – este buraco para penetrar, esta boca para jorrar esperma.

2 Para correntes feministas da segunda onda, mas especificamente o feminismo radical, a pornografia é impossível de ser ressignificada, assim como o termo vadia e a prostituição, sendo instrumentos essencialmente patriarcais. Considerações rejeitadas pela terceira onda feminista. N.T.

Assim, como uma arma, não se trataria tanto de destruí-la, se não, resignificá-la e reutilizá-la mediante a visibilização de práticas, corporalidades, sexualidades, gêneros e agenciamentos sexo-afetivos que atentem contra a ordem das coisas, especialmente a heteronorma. A lógica ácrata de intervenção pós-pornográfica³ considera que o Estado não pode proteger-nos da pornografia, já que a pornografia forma parte dos cálculos do biopoder regulado e aspirado pelo mesmo Estado.

Recordando, Deleuze sobre as sociedades de controle, se trata de buscar novas armas. Entre elas, a pós-pornografia, se propõe inventar outras formas compartilhadas, coletivas, visíveis, abertas de desejo, uma pirataria da sexualidade que supere o estreito marco da representação pornográfica dominante e o consumo sexual normalizado, que sendo sexualmente ativo, conta, como seu irmão heterocapitalista, com a capacidade de modificar

3 Apesar de apresentar crítica ao termo pós na nota anterior, optou-se considerar o mesmo referente a pornografia por duas razões: primeiramente por desconhecer alguma crítica ao termo num sentido combativo e anti-heterossexual, além de que, neste caso, o termo pós trás claramente uma proposta política revolucionária de ação direta para suplantação e destruição das normatizações hegemônicas. Isto é, o termo pós na pornografia, representa claramente uma estratégia de ação direta para suplantação da mesma. N.T

a sensibilidade e a produção hormonal mediante um movimento de apropriação. Lançar um devir público e político daquilo que se constrói como privado e vergonhoso, é montar uma máquina de guerra, desejante contra o heterocapitalismo. O pornô constitui um sistema semótico aberto ou ao menos fissurado ao que hay que atacar e infectar com reflexão crítica nos usos dos prazeres e na reprogramação dos desejos, mediante uma proliferação de vírus, no qual hackers do sexo-corpo, através da ação direta, desterritorializando a sexualidade e abrindo devir dos corpos que estão trincando os ordenamentos disciplinadores do sexo/gênero em seus recortes territoriais dominantes. Assim a pós-pornografia constitui uma aposta por desmontar e viralizar o marco da representação pornográfica dominante parodiando inclusive a utilização das figuras centrais que a pornografia industrial também utiliza: Cicciolina até Tracy Lords, passando por Pamela Anderson, tal como faz por exemplo, Jemma Temp, que por sua vez é uma parodia degradada de, Kim Bassinger, atriz que tira a roupa

em frente das câmeras. Corpo público da atriz pornô que todxs frustradamente desejamos, mas cujo uso está vedado apenas na representação visual.

Como tem assinalado Javier Sáez, “O pornô é um gênero (cinematográfico) que produz gênero (masculino/feminino). A pós-pornografia é um subgênero que desafia o sistema de produção de gênero e que desterritorializa o corpo sexuado (move os interesses dos corpos genitais para qualquer parte do corpo). Poderíamos sustentar em seguida, que emerge então um agenciamento pós-pornográfico, não como mero consumidor ou reprodutor da linguagem sexual dominante que lhe é dado e frente ao qual, passivamente, se entrega o corpo dócil, Mas sim, numa plataforma de enunciação política e insubordinação crítica que põe em questão (para dinamitá-los) os códigos de gênero e sexuais dominantes. Cabe perguntar, assim mesmo, quando também colocaremos em cheque aquelas identidades que, nas atuais disputas de poder dos movimentos que hospedam estas

práticas, se erguem como estrelas pornô e divas teóricas da dissidência depois, claro, da dissolução dos eus e dos egos.

Entra, dentro do biômico, capital e centrado, deste humanoidismo fanstástico.

Ademais, lembra-mos que entre dois tempos, nos vamos de casa em casa, fazer

Ludditas Sexxuales funciona como uma plataforma móvel de agenciamentos sexo-insurgentes contra o regime do Heterocapitalismo Global Integrado.

Ludditas Sexxuales tende fazer a anarquia e se apoia na amizade, no carinho e no compartilhar, para destruir as máquinas sexuais micro-instaladas na altura dos desejos em nossos corpos.

BIBLIOGRAFIA

Gilles Deleuze. “Post-scriptum sobre las sociedades de control”, en: Christian Ferrer (comp.) El lenguaje Libertario, La Plata, Terramar, 2005.

Michel Foucault. El orden del discurso, Barcelona, Tusquets, 1999.
_____. Historia de la sexualidad 1. La voluntad de poder, Buenos Aires, Siglo XXI, 2002 [1976]

Félix Guattari. Plan sobre el planeta. Capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares, Madrid, Traficantes de sueños, 2004.

Ludditas Sexxxuales. “Teoría queer y el deseo como máquina de guerra”, en: destructorasdemaquinas.wordpress.com, 2011.

Beatriz Preciado. Testo Yonqui, Madrid, Espasa, 2008.

_____. Pornotopía, Barcelona, Anagrama, 2010.

Tiqqun. Llamamiento, Buenos Aires, Folia, 2010.